



*NÃO SOU DESSE TIPO! PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O TEMOR
DE SEREM CONFUNDIDO COM UM “ROLA A BOLA”*

Giliane Dessbesell¹

RESUMO: Desde que tem lugar assegurado como disciplina escolar, a Educação Física (EF) escolar traz grandes desafios para os professores que buscam orientar suas práticas pedagógicas nesse sentido. Assim, os dados aqui apresentados, apresentam elementos que surgiram durante uma pesquisa de campo mais ampla. A partir da realização de entrevistas semiestruturadas com professores de EF da rede estadual do RS, surgiram falas sobre as questões do abandono docente. Na medida em que os professores falavam sobre sua prática curricular – elemento central da pesquisa – enfatizavam não serem professores descomprometidos, o que levou a algumas reflexões sobre essa realidade da atuação docente em EF.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Atuações Docentes.

*AM NOT THAT KIND! TEACHERS OF PHYSICAL EDUCATION AND DREAD
TO BE CONFUSED WITH A "BALL ROLLING"*

ABSTRACT: Since we will have a place as school discipline, physical education (PE) school brings great challenges for teachers who seek to guide their teaching accordingly. Thus, the data presented here, have elements that emerged during a broader search field. From conducting semi-structured interviews with PE teachers, emerged speeches on issues of teaching abandonment. To the extent that teachers talked about their curricular practice - central element of the research - emphasized not be disengaged teachers, which led to some reflections about this reality of teaching practice in PE.

Keywords: Physical Education School. Teachers' actions.

¹ Doutoranda na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: educação física; educação física escolar; formação; currículo.

*NO SOY ESE TIPO! PROFESORES DE EDUCACION FISICA Y EL TEMOR DEBE SER
CONFUNDIDO CON UM "RODAR LA PELOTA"*

RESUMEN: Dado que vamos a tener un lugar como disciplina escolar, la educación física (EF) de la escuela trae grandes retos para los profesores que tratan de orientar su enseñanza en consecuencia. Por lo tanto, los datos que aquí se presentan, tienen elementos que surgieron durante un campo de búsqueda más amplia. Desde la realización de entrevistas semiestructuradas con profesores de educación física, surgido discursos sobre temas de abandono docente. En la medida en que los profesores hablaron de su práctica curricular - elemento central de la investigación - profesores enfatizaba no ser no comprometidos, lo que llevó a algunas reflexiones sobre esta realidad de la práctica docente en educación física.

Palavras-clave: Educación Física Escuela. Actuaciones Docentes.

INTRODUÇÃO

No contexto escolar o caráter tradicional da Educação Física (EF), vinculado ao esporte como prática principal ainda é muito presente, além disso, o abandono do trabalho docente também é cada vez mais perceptível nesse espaço (MACHADO et al., 2010). Mas nesse mesmo contexto também é possível encontrar práticas inovadoras (FARIA et al., 2010), a maioria vinculada a iniciativas particulares dos professores. O abandono do trabalho docente aparece como um problema para a legitimação da disciplina na escola, assim como cobra um ônus a qualquer profissional da área. É nesse sentido que, enquanto realizava as entrevistas para minha dissertação de mestrado, percebi na fala de alguns professores, preocupação em marcar diferença com os professores que “rolam a bola” e sobre esse assunto decidi desenvolver este artigo.

Antes de esboçar essa análise sobre a fala dos professores é necessário contextualizar a investigação que vem sendo desenvolvida. O projeto de pesquisa emerge dentro das discussões sobre o movimento renovador da Educação Física (EF), quanto ao lugar da disciplina no contexto escolar, bem como do seu lugar na legislação, garantido desde a promulgação da LDB 9394/96, a qual guindou a EF a condição de componente curricular na Educação Básica. Apesar disso, visivelmente a EF ainda é tida em muitos contextos como um tempo/espaço sem uma intencionalidade efetiva de ensino/aprendizagem, marcada pela falta de tradição no que se refere à prática curricular da área.

A conexão entre currículo e prática se vincula ao fato de que na última década a maioria dos estados brasileiros desenvolveu propostas curriculares para as disciplinas que compõem a grade curricular das escolas, e em todas elas a EF teve espaço para organizar seus

saberes escolares. Nesse movimento nacional de elaboração de orientações educacionais, o Estado do Rio Grande do Sul, no ano 2009, apresentou um referencial curricular para a Educação Física (RCEF) nos anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. No contexto desta proposta, as discussões que foram dando corpo à pesquisa que venho desenvolvendo giram em torno do modo como os professores lidam com a prática curricular em Educação Física em suas escolas no período posterior ao lançamento dos Referenciais Curriculares do RS.

Apesar desse contexto de produção curricular, visivelmente a EF ainda é tida, em muitos contextos, como um tempo/espço sem uma intencionalidade efetiva de ensino/aprendizagem, marcada pela falta de tradição no que se refere à prática curricular ou a intencionalidade de ensino. Expressões como “Largobol”, “rola-bola”, “professor sombra” entre outras, identificamos professores que permitem que seus alunos fiquem a mercê de seus próprios desejos nos períodos destinados a EF. No âmbito acadêmico, essas atuações são denominadas “abandono docente”, “abandono do trabalho docente” ou então como “desinvestimento pedagógico”, essas denominações caracterizam e, de certa forma caricaturam os professores de EF, pois de modo crescente, a prática pedagógica da disciplina em muitos contextos, se limita em distribuir e gerir o material didático (MACHADO et al., 2010) e gerenciar situações de conflito entre os alunos.

Tal fenômeno ainda tem um número de pesquisas reduzido, de modo que permanece vista a partir do senso comum, que atribui “a culpa, de forma simplista, aos próprios professores (falta de compromisso; vagabundo/preguiçoso; não tem vergonha etc.)” (MACHADO et al., 2010, p. 130), [grifo dos autores]. Uma pequena revisão em bases de dados e revistas acadêmicas, dá uma visão geral sobre como esse tema vem sendo tratado enquanto objeto de investigação². A maior parte dos achados encontrados está vinculado a uma rede de investigação de diferentes instituições no Brasil e na Argentina. Essarede, denominada REIPEFE – Rede Internacional de Investigação Pedagógica em Educação Física Escolar, é contituida por universidades brasileiras (RS, SC, ES) e argentinas (La Plata, Córdoba, La Pampa, Bariloche) e desde 2006 realiza pesquisas voltadas a compreensão do fenômeno do abandono/desinvestimento pedagógico, bem como de práticas docentes inovadoras.

²A partir do descritor “abandono docente”: Google Acadêmico – 29 resultados; Scielo –2 resultados (que não se remeteram a docentes de EF especificamente); Revista Movimento 21 resultados (específica da área e com Qualis A2). A partir do descritor “desinvestimento pedagógico”: Google Acadêmico – ~50 resultados; Scielo – 1 resultado (diretamente vinculado a professores de EF); Revista Movimento – 7 resultados.

Quanto ao entendimento teórico sobre “abandono docente” ou “desinvestimento pedagógico” é importante ressaltar algumas questões. Lapo (2002), descreve que existem diferentes formas de abandono: temporário, remoção para outras unidades, acomodação e por fim o abandono definitivo/ruptura. Na análise empreendida nesse artigo, a ênfase recai sobre a docência que não abandona efetivamente seu cargo, no entanto limita-se a comparecer a escola, cumprir horários e obrigações burocráticas, porém sem o mínimo de envolvimento inovador, multidisciplinar e, em alguns casos nem mesmo o envolvimento pessoal, o que se pode denominar de “desinvestimento pedagógico”. Na análise feita por Machado et al. (2010), essa expressão vem da taxionomia desenvolvida por Huberman, mas entendem o desinvestimento como um “estado” e não como uma “fase”, como trata Huberman, pois o fenômeno não está preso a uma dada cronologia ou linearidade.

O estado de “desinvestimento pedagógico” é um fenômeno comum e presente no cotidiano de boa parte das escolas. Por outro lado, é possível, por exemplo, que em uma mesma instituição, trabalhe tanto um professor que se comprometa em efetivamente dar aulas de acordo com um projeto político e epistemológico para a disciplina, como um professor que apenas administre o material e os alunos (DESSBESELL; GONZÁLEZ, 2012), proporcionando o que Fraga (2000, p. 118) chama de “recreio estendido”.

Muitos perfis já foram estudados (MACHADO, 2012; HINO; REIS; ANEZ, 2007; FORTES et al., 2012; GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2006; FARIA et al., 2010; MACHADO et al., 2010; CARLAN, KUNZ E FENSTERSEIFER, 2012) com o propósito de compreender tanto o desinvestimento pedagógico como práticas inovadoras. E a cada estudo, novos elementos se atravessam à essas dimensões da atuação docente e tanto sobre perfis de desinvestimento ou abandono, em casos de práticas inovadoras que vão legitimando o espaço da EF como disciplina. Contudo, são perfis específicos de casos isolados de professores, como o estudo desenvolvido por Carlan, Kunz e Fensterseifer (2013), no qual acompanharam um professor de Educação Física, com o objetivo de compreender a prática pedagógica inovadora deste, especificamente no trato do esporte como conteúdo escolar a partir de unidades didáticas.

Dado esse quadro do quanto o abandono ou o desinvestimento é comum na EF escolar, por outro lado, é interessante notar que os professores não querem estar vinculados a essa imagem. Fora justamente a necessidade de desvincular-se dessa imagem que foi captada de modo espontâneo nas entrevistas realizadas. Antes de descrever de modo detalhado essas

impressões, descrevo o processo metodológico adotado, a partir do qual tem emergido as questões relativas as atuações docentes.

METODOLOGIA

A metodologia que utilizo na pesquisa é de cunho qualitativo-descritiva e está sendo desenvolvida em duas etapas: 1ª) questionário online (via Google Docs), já realizada, cujo foco foi mapear os professores e os critérios de seleção dos participantes; e a 2ª) entrevistas online (via Skype, Facebook, GoogleTalk) com professores, localizados através dos critérios estipulados a partir do retorno dos questionários online devolvidos na primeira etapa. Foram enviados 1550 e-mails, tanto para endereços pessoais dos professores quanto para algumas escolas. O retorno obtido na primeira etapa foi de 57 respostas, entre as quais foram selecionados 37 professores a partir dos seguintes critérios: ter se colocado à disposição para participar da segunda etapa > ter conhecido o RCEF > ter utilizado ou ainda utilizar o RCEF. Novamente enviei e-mails a esses 37 professores, do qual me retornaram, através do preenchimento do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, 14 professores. Até a produção dessa escrita já foram realizadas 08 entrevistas. O roteiro se divide em cinco blocos de perguntas: a) Dados pessoais; b) Comentários sobre formação; c) Experiência profissional; d) EF na escola estadual em que atua; e) Aulas de EF; f) EF no RCEF.

PERFIL DOS PROFESSORES

Os oito professores entrevistados até agora possuem diferentes perfis, mas coincidentemente os quatro que me levaram a desenvolver a temática “anti-rola-bola” nessa escrita são da cidade de Porto Alegre/RS. Todos trabalham em escolas estaduais no perímetro do município e suas idades variam entre 35 e 49 anos. A seguir traço um breve perfil de cada um desses docentes, bem como discorro sobre trechos dos relatos sobre seus trabalhos nas escolas. Para fins de preservação de identidades, atribui a cada um dos professores colaboradores nomes fictícios.

O professor Roberto foi o primeiro a ser entrevistado e se mostrou bastante disposto a falar sobre o trabalho que desenvolve nas escolas onde atua. Embora tenha terminado a graduação no final dos anos 1980, começou a atuar na Educação Básica apenas em 2005, quando passou no concurso do estado do RS. Desde a graduação até meados de 2009 atuou em uma empresa privada, onde começou como auxiliar de escritório até se tornar educador físico na área de segurança do trabalho. Atualmente divide as 40 horas que possui no ensino público estadual em duas escolas, mas nas descrições que faz se atém àquela em que trabalha há mais de cinco anos, pois na outra, à época da entrevista, estava apenas um mês.

De acordo com a descrição do próprio Roberto, a escola em que trabalha há mais tempo possui uma boa estrutura, embora não seja a ideal, com duas quadras “muito boas, comparado com as outras escolas”, nas quais ele diz desenvolver suas aulas com tranquilidade, mesmo em dias de chuva. Sobre a EF, dois pontos ficam bem salientes na fala desse professor: o primeiro sobre o caráter competitivo que ele acredita, que o espaço de treinamento deve ter e o segundo a importância que dá as atividades diferenciadas que desenvolve em suas aulas. Em sua concepção, o treinamento e aula de EF são duas coisas completamente distintas, mas ambos merecem igual atenção. No espaço do treinamento ele diz ser autoritário e cobrar dos alunos disciplina, pois para ele “...a escola tá aqui, a seleção [os alunos que participam do treinamento] tá acima, então eles tem que dar exemplo dentro da escola para os outros colegas”. Já no espaço das aulas ele diz que procura “diversificar o máximo, tô sempre buscando, indo atrás”.

A professora Eduarda também começou a atuar mais tarde no magistério público estadual. Formada desde 1985, sempre trabalhou em pré-escolas no âmbito privado e como personaltrainer. Somente no ano 2000, prestou concurso e entrou para a escola de ensino fundamental. Em sua descrição, diz que trabalha na mesma escola desde o ano 2000, e quando chegou lá não havia nada, no entanto, a partir do trabalho com treinamento e resultados positivos em competições como os JERGS, obteve melhorias, em suas próprias palavras, “comecei a conseguir mais estrutura, então eu tenho uma boa quadra poliesportiva, grande, pra uma escola do Estado, ela é grande”.

Bastante semelhante aos relatos do professor Roberto, a professora Eduarda também distingue o espaço de treinamento do espaço de aula. Em sua descrição, traz o vínculo, ou então satisfação, com o que consegue a partir dos treinamentos, uma vez que fala muito mais desse espaço do que das aulas propriamente. Inclusive cita seus blogs e Facebook, onde atualiza as informações sobre o trabalho e os resultados de suas equipes. Quando perguntada enfaticamente sobre as aulas de EF, diz que a disciplina é “vip” na escola, no entendimento dela “é a disciplina mais valorizada, que os alunos mais gostam”. Quanto as aulas, aborda bastante aspectos da “ordem no corpo”, para ela os desportos (em cada um dos três trimestres letivos aborda um desses desportos: Handebol, Basquete e Voleibol) servem para que os alunos se “organizem corporalmente”.

A professora Odete segue a linha dos professores que ingressaram mais tarde no magistério público. Formada por uma instituição particular na cidade de Porto Alegre desde 1991, Odete atuou em academias na parte de dança e atividades rítmicas por 18 anos, parando

para ter seu primeiro filho. Doze anos depois, retorna, mas dessa vez para a escola de educação básica, isso no ano de 2009. Atualmente, possui contrato de 28 horas semanais na única escola em que trabalha, na qual é também a única professora de EF, visto que o outro colega de área assumiu a coordenação. Diferentemente dos dois professores acima, esta não se vincula aos JERGS³ e atribui isso a uma cobrança do CREF sobre o seu não credenciamento.

Na descrição que faz da escola, fala de sua localização em uma região com outras três escolas, e que possui um pátio amplo e muito bonito, apesar de ser em uma zona de periferia. Quando abordada sobre a valorização da disciplina, vincula isso à disponibilidade de material e nesse sentido relata as dificuldades que enfrenta. Segundo ela, boa parte do material que possui atualmente para trabalhar foi adquirido com seus próprios recursos, pois a escola não tem verba e está sob “descaso do governo”, visto que há mais de dois anos, uma sala de aula está interditada devido a uma árvore que caiu e até hoje não foram tomadas providências para retirá-la. Diante dessa situação, a professora se vê constrangida em cobrar mais materiais para a direção.

A respeito de suas aulas, descreve, que trabalha com os “quatro principais desportos” e também a dança. Além disso aborda questões de orientação sexual, educação para o trânsito e outros assuntos que, segundo ela, as demais disciplinas não abordam. Para trabalhar as aulas, divide meninos e meninas a partir do uso da quadra, em que a cada semana é direito de um dos grupos. Sobre outros conteúdos, como lutas e natação diz que aborda de modo conceitual, já que “não dá para fazer, dá para falar”.

A professora Maria graduou-se em uma universidade particular também na cidade de Porto Alegre, no ano de 1999. Tem pós-graduação em Educação Física Escolar e desde de julho de 2001 trabalha na mesma escola estadual por 20 horas semanais, outras 20 horas trabalha em um clube tradicional da cidade. Ao descrever a escola onde trabalha, Maria diz que “como na maioria das escolas do estado, é precária e tem pouco espaço”. Trabalha com turma de 6º ano até 8ª série e divide a carga horária da disciplina com outra professora. Quanto as suas aulas, diz seguir o “ritual das aulas de psicomotricidade” e preconiza como conteúdos os quatro principais desportos ao longo dos três trimestres letivos. Enfatiza que possui três períodos semanais, pelos quais teve que lutar para manter, justificando diante da direção a importância da disciplina para o público que a escola atende (periferia) e pelo trabalho qualificado que desenvolve.

³ Jogos Escolares do Rio Grande do Sul

Esses são os perfis dos professores, a partir de sua própria perspectiva. Ao longo das entrevistas realizadas, dão tanto indícios da realidade do desinvestimento pedagógico como fazem uma autoafirmação sobre o trabalho que desenvolvem. Nos próximos parágrafos faço essa discussão mais pontual a partir de trechos das falas dos professores em que essas questões ficaram evidenciadas. A fim de dialogar com os apontamentos desses professores, no final traço interfaces com aquilo que já está sendo discutido a respeito do tema, tanto sobre abandono/desinvestimento como investimento/inação do trabalho docente.

PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE A EF ESCOLAR E SUAS ATUAÇÕES

Reescrever a descrição sobre suas aulas e sua organização curricular dos diferentes professores, tem sido, sob a minha perspectiva, um exercício de análise sobre o “não mais e o ainda não” (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2010) que a EF, nesse caso no espaço escolar, vem passando. As múltiplas formações em tempos e espaços diferentes, os contextos, as concepções e a cultura escolar sobre o papel da EF enquanto disciplina se misturam nessas falas, como borrões de uma tela de pintura abstrata. Por outro lado, especialmente nos docentes evidenciados nesse resumo, transparece a intensão de se colocar como um bom professor, que além de cumprir com as suas obrigações, busca dar status e visibilidade a sua disciplina.

A visualização dos docentes sobre sua atuação e a descrição que fazem indicam a necessidade de reconhecimento tanto da área como da sua própria atuação. O reconhecimento se refere especialmente ao tratamento dado pelas direções das escolas à disciplina, tendo em vista a peculiaridade da mesma em relação a materiais e espaço físico:

Olha eu acho que a EF na minha escola é a disciplina ‘Vip’, é a disciplina mais valorizada, que os alunos mais gostam e tem muito apoio, muita visibilidade também, tem todo apoio da minha direção, material quando eu preciso coisas pros jogos, material de aula normal eu tenho, não me falta nada, eu tenho todo (Eduarda, 14 out. 2013).

Varia muito de direção para direção, porque por exemplo, nessa mesma escola José Feijó, o ano passado trocou a direção, a direção de até o ano passado não valorizava a competição ela achava que o outro professor que não queria levar o pessoal pra os JERGS era mais esperto, porque ele iria trabalhar menos né? Não havia incentivo monetário tipo pra um lanche pros alunos, pros meus alunos eu tirei do meu bolso né? (Roberto, 14 out. 2013)

Ou seja, há uma dimensão tanto política, no momento em que para a valorização da disciplina é preciso estabelecer um bom relacionamento com a direção, como de disposição pessoal com relação a sua atuação. Nesse sentido, a cultura escolar sobre o lugar da disciplina traça a postura dos professores em uma contínua busca pelo seu espaço, – e uma das estratégias são os resultados em competições interescolares como os JERGS⁴ – e de se desvincular do “vagal”, daquilo “que é a grande realidade da maioria dos professores” (Roberto, 14 out. 2013). Fica bastante marcado no decorrer das narrativas desses docentes uma contínua reafirmação da EF, seja no espaço próprio de “sala de aula”, seja no de “treinamento”⁵. As falas a seguir são as respostas a questionamentos de diferentes ordens, como valorização da disciplina, planejamento da disciplina, projetos extracurriculares:

Se tu não conseguir manter essa relação [de confiança] com os alunos, infelizmente tu vai só largar uma bola no pátio e vai voltar pra sala pra tomar café[...]. Que é a grande realidade da maioria dos professores. Certo? Porque eles me pedem quando eu entro numa escola eles me dizem ‘não, não quero fazer força, não, não, não me mete em JERGS, não quero saber de fazer força’(Roberto, 14 out. 2013).

Não sei se tu sabe como funciona o serviço público?No serviço público as pessoas fazem aquilo que é obrigado a fazer e nada mais do que isso, então eu sempre convidei [para trabalhar no projeto de treinamento] mas ninguém quer né? Deixar de almoçar e ir trabalhar e ir pegar sábado e domingo e trabalhar em jogos. Então sou só eu que administro isso(Eduarda, 14 out. 2013).

Logo que eu cheguei no colégio eu fui tentar pegar o plano de aula da professora de EF que tava lá, eu me apavorei, a criatura era um mausoléu. Ai eu descobri que ela não dava nada, não dava coisa nenhuma, ela era daquelas que deixou a EF com fama de “ah dá uma bola e fica tomando café”, era o que ela fazia. Ai o que aconteceu? Eu tive que implantar [...] então eu tive que implantar desde o início. Eu não sabia por onde eu ia começar, eu não tinha assim uma referência, eu tava há 10 anos dentro de casa, tu imagina né?(Odete, 17 out. 2013).

⁴ Jogos Escolares do Rio Grande do Sul

⁵ Dos 04 professores aqui discutidos, apenas a professora Odete não trabalha com equipes de treinamento.

...quando eu entrei era considerado como uma atividade livre, não uma disciplina né? Tanto que quando os alunos não tinham...hã... período, mandavam pra quadra e sem completo respeito pelo momento que eu tava em aula lá, e como se aquilo fosse bem uma prática de lazer né? Hoje em dia é completamente diferente, apesar de a estrutura continuar assim muito ruim, mas pelo menos isso já melhorou (Maria, 12 nov. 2013).

Interessante notar que as duas primeiras falas se vinculam fortemente ao engajamento nos JERGS, e as duas últimas sobre como encontraram a disciplina no momento em que chegaram à escola em que atuam. Os dois primeiros têm demarcado fortemente os resultados esportivos como algo que justifica e sustenta a importância da EF na instituição escolar, traçando inclusive uma imagem de — vagabundo! daqueles professores que não se dispõem a trabalhar mais do que as horas que lhes são pagas, uma demanda muito comum para aqueles professores que trabalham com os JERGS. Mas mesmo estes professores descrevem suas aulas com bastante relevância, destacando atividades diferenciadas, como é o caso do professor Roberto, que embora enfatize o espaço da competição, foi o único desses professores a trabalhar outras práticas corporais além do Futsal, Handebol, Basquete e Voleibol.

O professor Roberto relata sua experiência com aulas de dança, lutas e atividades aquáticas⁶. Sobre essa última, fala sobre a experiência com a confecção de pranchas de Stand upPaddle com garrafas pet e a aula prática realizada no “rio Guaíba”. Ele possui um engajamento com a disciplina que, segundo ele, poucos professores têm, e atribui tal deficiência à falta de domínio corporal dos professores sobre as diversas práticas da EF, o que leva a não terem confiança para passar o conteúdo. Também enfatiza a relação de confiança que possui com os alunos, no sentido de que poucos professores o conseguem.

Nos dois casos em que as falas explicitam a EF enquanto disciplina, fica esboçado o lugar que tiveram que buscar quando chegaram aos seus respectivos contextos. Para Odete, o tipo de EF que encontrou estava aquém daquilo que imagina, pois encontrou um contexto em que não havia aulas, e para conseguir passar “aquilo que eu acredito ser a EF” passou por pelo menos dois anos de conflito com os alunos, pois o futsal era apenas o que sabiam/queriam fazer. Atualmente, após quatro anos, ela diz conseguir desenvolver um bom trabalho com os quatro esportes e temas transversais como orientação sexual.

⁶O professor usa essa nomenclatura, baseado nos Referenciais Curriculares do RS (2009).

Já a professora Maria tem um forte vínculo com a psicomotricidade, visto que inicia sua trajetória no magistério estadual concomitante ao término da especialização em EF escolar, com foco nessa abordagem. Ao relatar o contexto que encontrou, enfatiza o descaso com a disciplina e o quanto não conseguia admitir que sua aula fosse vista como um espaço de atividades de lazer, em que não se ensina nada. Como não há uma questão específica sobre JERGS ou espaço de treinamento, diferente dos demais, ela não traz nada a respeito desse tema quando fala da sua atuação.

ALGUMAS REFLEXÕES

No que se refere às percepções desses quatro docentes, a partir do que relataram, foco nas questões da legitimidade de suas atuações. Em suas falas, reafirmam uma postura correta e de bom professor, que além de cumprir com suas atividades de sala de aula se vinculam a outros projetos, mesmo que não obtenham nenhum benefício extra. Desse modo, não se trata de um processo de legitimação da EF como área de conhecimento. O que se evidencia, é mais um posicionamento individual quanto a sua própria atuação do que sobre as aprendizagens específicas que os alunos devem ter acesso ao longo dos anos escolares.

Na pesquisa desenvolvida por Dessbesell e González (2012), essas iniciativas individuais de autoafirmação já era um dispositivo apontado sobre as atuações das professoras colaboradoras na investigação. Ao encontrar dois perfis, um que aparentava o investimento pedagógico (FARIA et al., 2010), e outro caracterizado pelo desinvestimento pedagógico (MACHADO et al., 2010), nessas diferentes atuações naquele contexto era dado entre os agentes escolares, ex-alunos e alunos que uma docente fazia um trabalho sério e outra apenas “largava a bola”. E por assim ser, a docente, cujo perfil era de investimento pedagógico, mesmo tendo dúvidas a respeito do trabalho que desenvolvia, não admitia a ideia de ser comparada/igualada a professores que não dão aula.

Portanto, as iniciativas individuais dos professores, vinculadas tanto as aulas como aos projetos extraclasses, especialmente de treinamento, são tentativas de se colocar como um profissional competente e diferenciado daqueles que rolam a bola. Parece dado que nos casos aqui esboçados, a EF tem seu lugar na escola a partir do projeto individual de disciplina, em que os problemas sobre lhe dar sentido, de acordo com a função social da escola, organizar os conhecimentos em um currículo e os problemas didáticos (GONZÁLEZ; FRAGA, 2012; GONZÁLEZ; FENTERSEIFER, 2010), não tomam proporções significativas. Ou seja, apontam para o desprestígio da área, mas não atribuem isso a um processo epistemológico, e sim a atuações “valgas” com as quais não querem ser vinculados.

REFERÊNCIAS

- BRACHT, V. A Educação Física no Ensino Fundamental. In: **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais**. Belo Horizonte, nov. de 2010, p. 1-14.
- CARLAN, P.; KUNZ, E; FENSTERSEIFER, P. E. O esporte como conteúdo da Educação Física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica "inovadora". **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 04, p. 55-75, out/dez de 2012.
- DESSBESELL, G.; GONZALEZ, F. J. . O envolvimento de docentes com diferentes perfis de atuação no processo de (re)formulação coletiva da disciplina de Educação Física em uma escola de educação básica. In: **Anais do Salão do Conhecimento**, Ijuí, out. 2012.
- FARIA, Bruno de Almeida et al. Inovação pedagógica na educação física: o que aprender com práticas bem sucedidas? In: **Ágora para La Educación Física y el Deporte**, v. 1, p. 11-28, 2010.
- FORTES, M. de O. et al. A educação física escolar na cidade de pelotas-rs: contexto Das aulas e conteúdos. **Rev. Educ. Fís/UEM**, Maringá, v. 23, n. 1, 1. trim. 2012, p. 69-78.
- FRAGA, Alex B. **Corpo, identidade e bom-mocismo** – cotidiano de uma adolescência bem comportada. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- GONZÁLEZ, F. J. et al. O abandono do trabalho docente em aulas de educação física: a invisibilidade do conhecimento disciplinar. **Educación Física y Ciencia**, vol. 15, nº 2, 2013.
- GONZÁLEZ, F. J.; FRAGA, A. B. **Afazer da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar**. Erechim: Edelbra, 2012.
- GONZÁLEZ, F.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF escolar II. **Cadernos de Formação RBCE**, Florianópolis, v.2. p. 10-21, mar. 2010.
- GONZÁLEZ, Fernando J.; FENSTERSEIFER; Paulo E. Educação Física e Cultura Escolar: critérios para identificação do abandono do trabalho docente. In: **Anais do III Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte**, Santa Maria, set. 2006.

HINO, A. A. F.; REIS, R. S.; ANEZ, C. R. R. Observação dos níveis de atividade física, contexto das aulas e comportamento do professor em aulas de educação física do ensino médio da rede pública. **Revista brasileira de atividade física & saúde**, Londrina, v. 12, n. 3, p. 21-30, set./dez. 2007.

LAPO, F. R.; BUENO, B. O. O abandono do magistério: vínculos e rupturas com o trabalho docente. **Revista Psicologia USP**, São Paulo, vol. 13, n.2, 243-276, 2002.

MACHADO, T. da S. **Sobre o impacto do Movimento Renovador da Educação Física nas identidades docentes**. Dissertação de Mestrado apresentado a Banca Examinadora do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória: UFES, 2012. 190 p.

MACHADO, T. da S. et al. As práticas de desinvestimento pedagógico na educação física escolar. **Rev.Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n.2, p. 129-147, abr/jun. 2010.

SANTINI, J.; MOLINA NETO, V. A síndrome do esgotamento profissional em professores de educação física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Educação Física**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 209-22, jul./set. 2005.